

## A ESCOLA, A PANDEMIA E O 'ENSINO REMOTO' REPENTINO: APRENDEMOS A TEMPO ESTA LIÇÃO?

Ana Paula Rodrigues Lima<sup>1</sup>  
Maria Heloísa Teixeira da Silva<sup>2</sup>  
Camilla Rocha da Silva<sup>3</sup>

### Resumo

O presente artigo teve o intuito de investigar as metodologias pedagógicas e tecnológicas que uma professora do município de Fortaleza tem feito uso, a fim de dar continuidade ao ano letivo, mesmo diante do advento da pandemia causada pelo vírus da COVID-19. Para alcançar esse objetivo, a pesquisa teve como fundamentação metodológica Godoy (1995) e Moré (2015), que versam acerca do tipo de pesquisa qualitativa e da análise e interpretação dos dados. A análise teve maior fundamentação nas falas da própria professora entrevistada, além de documentos oficiais que orientaram o ensino remoto nesse período. A partir disso, foi elucidado que as dificuldades enfrentadas pelos professores do município de Fortaleza são enormes e vão desde falta de recursos financeiros e de preparação para arcar com a demanda tecnológica até demandas pessoais, como a perda de parentes e apresentação de sintomas de depressão e ansiedade, provocados pelo isolamento social por tanto tempo, acompanhados de grandes exigências profissionais. Concluímos que a professora tem feito um valoroso trabalho, mesmo diante de todas as dificuldades, mas que as crianças/estudantes não têm recebido toda a atenção necessária devido à dificuldade apresentada pela distância e pela falta de recursos presente na maioria dos lares. Tais problemas têm trazido ainda mais dificuldades para a comunicação e para as práticas pedagógicas, sendo necessário maior envolvimento do poder público no acompanhamento dos professores e alunos para a melhoria das condições de trabalho e estudo.

**Palavras-chave:** Ensino Fundamental. Ensino Remoto. Pandemia. COVID-19.

### SCHOOL, PANDEMIC AND SUDDEN REMOTE TEACHING: DO WE LEARN THIS LESSON IN TIME?

### Abstract

This article aimed to investigate the pedagogical and technological methodologies that a teacher from the city of Fortaleza has applied to continue the school year, facing the advent of the pandemic caused by the COVID-19 virus. To achieve this goal, there search was based on the methodological basis Godoy (1995) and Moré (2015), which deal with qualitative research and analysis and interpretation of data. The analysis was grounded in the speeches of the teacher interviewed, in addition to official documents that guided remote teaching during this period. From that, it was clarified that the difficulties faced by teachers in the city of Fortaleza are enormous, ranging from lack of financial resources, technological demand, to personal demands, such as the loss of relatives due COVID-19, and the presentation of symptoms of

<sup>1</sup>Estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. E-mail: paulamali.figueiredo@gmail.com.

<sup>2</sup>Estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. E-mail: heloteixeira@alu.ufc.br.

<sup>3</sup>Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação. Professora do Departamento de Teoria e Prática da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. E-mail: camilla.pedagoga@hotmail.com.

depression and anxiety, caused by extended social isolation, in addition of great professional demands. We conclude that the teacher has done a valuable job, even in the face of all obstacles, but that children/students have yet not received all the necessary attention due to the distress presented by distance and the lack of resources in most homes. Such problems have brought even more difficulties to communication and pedagogical practices, requiring great involvement of the public authorities in monitoring teachers and students in order to improve work in study conditions.

**Keywords:** Elementary School. Remote Teaching. Pandemic. COVID-19

A pandemia que se instaurou no mundo devido ao novo Coronavírus (COVID-19) trouxe consigo, além de caos financeiro aos governos e corporações, muita instabilidade social e política para o mundo. Diante desse fato, vários setores da sociedade e serviços considerados não essenciais foram paralisados, a fim de manter o distanciamento social e evitar maior propagação do vírus entre a população.

Várias empresas, como saída para continuarem os seus negócios, aderiram aos serviços *online*, investindo e utilizando-se cada vez mais da internet e dos recursos tecnológicos para manter a prestação de seus serviços. Já na área educacional, ao ser decretado o isolamento social, as escolas tiveram que se reinventar repentinamente: as aulas presenciais foram suspensas e logo foi iniciado o planejamento de atividades para o período remoto, que, por sua vez, não se sabia ao certo quanto tempo demoraria.

Com o passar do tempo, e percebendo a proporção da propagação do vírus por meio dos hospitais lotados e constantes informativos nas rádios e jornais de todo mundo, as escolas particulares começaram um estudo maior para a implementação do ensino remoto com aulas on-line, o que necessitou também de grande investimento financeiro e de pessoal nas áreas de tecnologia para que as escolas não fechassem.

Já nas escolas públicas do município de Fortaleza-CE, os professores, que até o dia 17 de março ministravam suas aulas presencialmente, nos dias seguintes já estavam em grupos do aplicativo de mensagens instantâneas (WhatsApp), enviando as tarefas e fornecendo o máximo de auxílio que podiam aos alunos e famílias que estavam em casa. Muitos desses docentes, ainda sem ter o domínio das tecnologias digitais, tiveram que aprimorar esse uso em pouquíssimo tempo, além de também ter que lidar em suas famílias com a dramática situação social que nos deparamos: o grande desemprego instaurado e a redução de salários, o pânico social de sair de casa, aumento de transtornos de ansiedade decorrentes do isolamento social e medo do vírus.

Embora o “Plano de Retomada” das atividades do Governo do Estado do Ceará estivesse em andamento, aproximava-se o que os telejornais chamam de “segunda onda da Covid-19”, casos de reinfeção e novos casos de pessoas contaminadas pelo vírus se alastram novamente por todo o município de Fortaleza. As escolas públicas ainda não retornaram ao ensino presencial, mas tampouco receberam os recursos necessários para manter a qualidade e permanência dos alunos na escola, ainda que de forma remota. Dessa forma, faz-se necessário investigar a perspectiva dos professores e famílias acerca do modelo remoto de educação presente na vida dos discentes, docentes e famílias há mais de 6 meses de pandemia.

As escolas de ensino público, pouco após a suspensão das aulas presenciais, foram comunicadas pela Secretaria Municipal de Educação (FORTALEZA, 2020) de que as coordenações, juntamente com os professores, deveriam fazer um plano de trabalho domiciliar, no qual haveria o planejamento de atividades para serem enviadas aos alunos, a fim de não perder o contato com as famílias e para que não cessasse o trabalho docente, com o fito de cumprir a carga-horária mínima anual exigida. As plataformas e meios digitais a serem utilizados para este fim deveriam ser aqueles que a escola considerasse mais apropriados para o momento e que proporcionassem maior comunicabilidade entre escola x família. Caso não fosse possível utilizar tais meios, as escolas foram, ainda, orientadas a planejar uma forma de dar continuidade às atividades educacionais, fazendo, assim, a impressão de tais tarefas para que as famílias pudessem recolher posteriormente.

Levando em consideração todo o momento atual vivenciado por todas as camadas populares, principalmente pelas famílias que experienciaram e ainda experienciam grande vulnerabilidade social e financeira desde a chegada da pandemia – ou até mesmo antes disso –, além dos professores de rede pública que estão inclusos nesse mesmo rol acima citado, que tiveram grandes turbulências em suas famílias e que, ao mesmo tempo, foram forçados a lidar com a tecnologia educacional de forma repentina e abrupta, fez-se necessário a colocação de algumas questões: Como se deu esse plano de atividades domiciliares? Como as escolas municipais de Fortaleza estavam lidando com o ensino remoto? Há perspectiva de recebimento de recursos materiais e tecnológicos para a ampliação e melhoria da qualidade das aulas remotas? Como os professores e famílias se sentiram frente à tamanha mudança em suas vidas? Tais questionamentos foram necessários para nos ajudar a fornecer um breve relatório acerca das perspectivas de professores e familiares sobre a conjuntura educacional pela qual passa o município de Fortaleza.

Sabemos que a reinvenção faz parte do cotidiano docente e que, até certo ponto, é recomendável, afinal, o mundo passa constantemente por diversas mudanças e a educação deve

acompanhar essas mudanças para que ofereça o melhor ensino possível. Porém, o que acontece quando estas mudanças são postas de forma abrupta e obrigatória? Esta e outras questões nos chamaram atenção e acreditamos que sua análise situacional acerca do trabalho docente e da postura do Estado em relação a esses professores pode gerar consequências graves para o trabalho que estava sendo desenvolvido desde o começo do ano letivo de 2020.

Portanto, pesquisar sobre esta temática não só contribui para nossa formação acadêmica e profissional, como também dá voz aos profissionais da educação que têm sido duramente criticados pela sociedade, além de nos fazer compreender melhor o contexto em que estamos para, assim, buscarmos uma melhoria para a área educacional.

Deste modo, o objetivo principal da presente pesquisa foi: compreender e analisar como se deu, na atual conjuntura, o ensino remoto na cidade de Fortaleza - CE. E os objetivos específicos foram: conhecer a situação e as práticas pedagógicas de uma professora regente da etapa do Ensino Fundamental I –Anos Iniciais; acompanhar o andamento das atividades da turma; ponderar acerca do momento de pandemia e os acontecimentos na escola; dialogar sobre as medidas tomadas pela escola e pelo Estado para a implementação do ensino remoto nas escolas da rede pública.

## **Metodologia**

Os aspectos metodológicos deste trabalho compreendem uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa. Segundo Godoy (1995, p. 65), “[...] hoje em dia a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”. Uma vez que um dos enfoques da pesquisa é compreender a perspectiva dos sujeitos investigados e dialogar sobre essas concepções, esta abordagem é a que mais se qualifica.

A pesquisa foi realizada com uma professora que atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental encontrou, também, com a participação das famílias que compõem a escola municipal José de Alencar<sup>4</sup>, localizada na cidade de Fortaleza. Devido ao momento de pandemia e distanciamento social vivenciado por todos, a pesquisa sucedeu à distância. Dispúnhamos o desejo de participar do grupo no *WhatsApp* com as crianças e a professora, no entanto, não nos foi permitido, mesmo após o envio de uma carta de apresentação enviada pela

---

<sup>4</sup> Nome fictício.

professora do Componente Curricular da Universidade. Gostaríamos de ter conhecido a realidade de mais de uma família e outros funcionários da escola, mas, por conta do tempo e falta de contato, não foi possível.

É importante mencionar que, para resguardar a identidade dos sujeitos de nossa pesquisa, utilizamos nomes fictícios em razão de princípios éticos. A pesquisa foi realizada nos meses de agosto a outubro de 2020 e foi composta por duas etapas: a primeira correspondeu à busca e seleção de materiais para embasamento teórico, durante todo o mês de agosto, e a segunda etapa diz respeito às entrevistas e encontros virtuais com os sujeitos da pesquisa concomitantemente à análise e ao diálogo teórico sobre os dados construídos, que ocorreu nos meses de setembro e outubro.

Para alcançar nossos objetivos, fizemos uso de uma entrevista semiestruturada. De acordo com Moré (2015, p. 127), “[...] o diálogo proposto nesse tipo de entrevista, como um instrumento de coleta de dados, constitui-se num ‘espaço relacional privilegiado’, onde o pesquisador busca o protagonismo do participante”.

Buscando, como cita a autora, o protagonismo dos sujeitos da pesquisa, elaboramos um roteiro de perguntas e, posteriormente, um questionário para aplicação, que possibilitaria, por sua vez, a promoção de outras perguntas que se fizerem necessárias no contexto da entrevista.

A análise de dados, por sua vez, se deu a partir da investigação dos discursos dos entrevistados, por meio da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), levando em consideração suas respostas em conformidade com os objetivos da pesquisa.

### **Caracterização da instituição**

Por conta do contexto em que estamos, não foi possível conhecer a instituição presencialmente. Por isso, a maioria das informações contidas neste trabalho foi recolhida por meio de entrevistas com a professora Joana<sup>5</sup> ou de buscas na internet. É importante mencionar também que não foi possível a inserção das pesquisadoras no grupo de *WhatsApp*, como planejado. Inicialmente, a diretora da escola fez o requerimento de um documento junto à Secretaria Municipal de Educação (SME) que comprovasse o intuito do estágio e de nossa pesquisa. Após enviada toda a documentação necessária para o nosso ingresso no grupo da turma, não fomos adicionadas ao grupo até o momento da escrita deste artigo. A professora

---

<sup>5</sup> Nome fictício.

regente alegou que a diretora ainda não havia lhe prestado nenhuma resposta sobre o ocorrido e que ainda aguardava uma posição da parte dela sobre nosso ingresso no grupo.

O estágio foi realizado à distância com crianças da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental José de Alencar, que fica localizada na Regional IV da cidade de Fortaleza. A escola atende aproximadamente 380 crianças na faixa etária de 5 a 10 anos de idade (Inf. V ao 5º ano do Ensino Fundamental) e possui, em média, 4 turmas por série, sendo 2 turmas no período da manhã e 2 turmas no período da tarde. Segundo informações da professora regente, sujeito de nossa pesquisa, esta escola atende a uma clientela do bairro e adjacências. Segundo a mesma, essa população, em geral, enfrenta grande vulnerabilidade social e financeira. São bairros marcados pelo descaso das autoridades públicas, com grande índice de criminalidade e, portanto, fazendo com que a região seja considerada pouco segura e muito carente.

A escola conta com uma infraestrutura de 24 salas de aula, sala de recursos multifuncionais para atendimento do AEE, banheiros adequados para a Educação Infantil, despensa, sala de diretoria, cozinha, secretaria e pátio descoberto. Possui, ainda, acesso à internet banda larga, água filtrada, energia e esgoto da rede pública. Fornece também alimentação escolar para os alunos, segundo o Censo de 2019.

Assim como nas outras escolas municipais de Fortaleza, a escola José de Alencar também segue o revezamento entre dois professores, que são chamados popularmente de Professor Regente A (PRA – maior carga horária) e Professor Regente B (PRB – menor carga horária). A professora de menor carga horária assume a turma por um dia e meio e mais uma hora para que a professora de maior carga horária possa planejar. Esse direito foi conquistado no ano de 2013 após 5 anos de luta dos professores da rede municipal de Fortaleza, que antes, eram obrigados a planejar aos sábados e fins de semana. É observado, portanto, que há o respeito a legislação contida na Lei do Piso nº 11.738 (2011): “Art.1º § 4º Na composição da jornada de trabalho, observar-se-á o limite máximo de 2/3 (dois terços) da carga horária para o desempenho das atividades de interação com os educandos”.

Ou seja, os professores da rede pública têm direito a 1/3 da carga horária destinada às atividades de planejamento e coordenação. No entanto, é importante citar que esta lei, comumente conhecida como “Lei do Piso” passou a ter validade em 2011, mas só foi implantada na cidade de Fortaleza em 2013.

A professora de maior carga horária leciona as disciplinas de Língua Portuguesa, História, Geografia, Artes, Formação Humana e a professora de menor carga horária leciona Ciências e Matemática. De acordo com a professora entrevistada (Joana), a gestão escolar é mobilizada para atender às demandas dos docentes e discentes, promovendo uma escuta ativa

de suas solicitações e necessidades. Para tanto, todo ano, o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola é revisitado para as devidas reformulações e, assim, novos projetos são incluídos. Neste ano, houve a inclusão de um projeto chamado “Nenhum a Menos”, já em consonância com o momento da pandemia pelo qual estavam passando.

### **Escola X COVID-19**

Diante do momento vivenciado, pudemos constatar, por meio das entrevistas e encontros virtuais realizados com a professora Joana, que o corpo escolar (professores e gestão) estava em pleno esforço para manter as atividades escolares em andamento e com qualidade, ainda que de forma remota. Devido à ausência de uma orientação por parte do governo acerca de alguma plataforma para que tenham as aulas on-line, bem como a dificuldade de acesso à internet e recursos tecnológicos que oportunizam a participação em aulas síncronas, as aulas estavam sendo gravadas e os vídeos enviados a um grupo no WhatsApp, criado com os pais e mães da turma e a coordenação da escola, a partir das orientações dadas pela Secretaria Municipal de Educação (2020):

As atividades domiciliares serão planejadas e orientadas pelos professores da Rede e entregues aos estudantes e seus familiares pela unidade escolar, que deverá utilizar todos os meios de tecnologia da comunicação disponíveis para interagir com os estudantes ou ainda, nos casos em que não seja possível essa difusão por meios digitais, a gestão escolar deverá dispor de outras estratégias para promover a interação entre professores, estudantes e familiares, por meio de entrega e recebimento dos materiais didáticos, atividades, trabalhos de pesquisa, roteiros diários e de estudos, entre outros, de forma segura, atentando para as recomendações de segurança das autoridades de saúde municipal, estadual e federal. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2020)

Todos os dias, as atividades, vídeos e agenda eram enviados e, ao longo do dia, as famílias mandavam as tarefas feitas pelas crianças para o mesmo grupo, a fim de que a professora pudesse ter acesso a elas. É importante mencionar que nem sempre é a família que está no grupo do WhatsApp. Como relatou a professora, por exemplo, uma das famílias de um aluno da classe pediu ajuda a uma vizinha, que tem um smartphone, para que esta participasse do grupo e enviasse as tarefas da criança, uma vez que os pais não tinham acesso a um celular; assim tem acontecido desde a implementação desse método na escola.

A professora Joana orientou os familiares para que fossem enviadas no grupo até 5 (cinco) atividades de crianças diferentes e que, ao observarem que essa meta já foi atingida, eles cessassem o envio das tarefas naquele dia, para que os celulares das outras famílias que, por sua vez, não têm muita capacidade de armazenamento, não ficassem lotados de mensagens,

fotos e arquivos. Atitudes como essa e outras relatadas em nossos encontros mostram que a professora tem uma grande preocupação com a situação das crianças e suas famílias, bem como preza pela organização e bom relacionamento de todos. Muitas vezes, como ela mesma contou, ao perceber que alguma criança em específico não estava enviando as tarefas há dias, ela entrava em contato particularmente com a família e solicitava que as tarefas fossem enviadas em um chat particular.

Durante esse período de pandemia, a atuação e revezamento da Professora de Maior Carga-horária e da Professora de Menor Carga-horária continuava sendo feito. Joana, a de maior carga-horária (PR-A), atuava no grupo do WhatsApp às segundas, quartas e sextas-feiras e o professor de menor carga-horária (PR-B) interagiu nos dias de terças e quintas-feiras. Ambos continuavam lecionando as matérias descritas anteriormente e adequando essas disciplinas aos dias em que atuam no grupo, fazendo com que não houvesse interferência de um no dia do outro. O planejamento do ensino, por sua vez, vinha sendo realizado semanalmente pelos professores da mesma série e estavam sendo organizados de forma semanal.

Ao ser questionada se a prefeitura vem abordando a temática das aulas on-line no contexto da pandemia e isolamento social, Joana disse que “a acessibilidade da família é bem comprometida, sendo assim, não adianta os professores estarem aprendendo a utilizar tais recursos e materiais para as aulas on-line se as famílias não possuem os mesmos recursos”. Segundo ela, a prefeitura vem sim falando de aulas on-line síncronas e até em conceder um *chip* para que as os estudantes possam ter acesso às aulas, no entanto, o problema não reside somente no uso de dados, ou seja, não se soluciona o problema apenas com a concessão de um *chip*, mas também na ausência de aparelhos que possibilitem o uso deste.

Joana defendeu que o problema não está na instituição pública, mas na dificuldade de recursos que o Estado e a prefeitura disponibilizam. Segundo ela:

[...] os EPI's estão para os hospitais públicos assim como os computadores e a internet estão para os professores e alunos. Para se fazer um bom trabalho, precisaremos disso. Na reunião, foi dito que eles irão entregar os *chips* com internet ilimitada para todos. O problema é o celular que os meninos não têm. Eu fiz uma pesquisa com todos, pra saber como estava a situação, liguei pra todos, uma boa parte só tem um celular em casa. O pai vai trabalhar e quando chega à noite é que vão fazer as atividades em casa. Quando uma família tem 4 filhos, como é que faz? Aí a desigualdade acentua ainda mais, né?! (JOANA, 2020)

Joana realizou tal pesquisa a pedido da prefeitura, de que fosse feito um levantamento acerca da situação dos alunos. O roteiro da prefeitura incluía questões para saber se os alunos ou a família eram do grupo de risco, se já tinham sido diagnosticados com Covid-19, se

utilizavam o WhatsApp diariamente, se tinham aparelhos tecnológicos etc. Esse levantamento foi feito no mês de junho, mas tais recursos prometidos pela prefeitura, como a entrega dos *chips* por exemplo, no momento de escrita deste trabalho, ou seja, no mês de outubro, ainda não foram realizados.

Ao ser questionada sobre a sua satisfação com as aulas remotas, Joana declarou:

Como agora a grande maioria já está participando, eu, enquanto professora, estou 40% satisfeita. Eu gosto de troca, no WhatsApp fica ruim. Quando vamos falar sobre alguma dúvida, os pais no grupo dizem que o celular está ‘pesado demais’ e a conversa tem que parar. Muitas coisas eu faço no meu pessoal. (JOANA, 2020)

Joana diz estar satisfeita por ter a oportunidade de fazer vários cursos, mas, enquanto professora, mostra insatisfação pela gestão da prefeitura de Fortaleza e pela SME e com a ausência dos recursos destinados à área educacional tal, como foi feito para a área da saúde. Ela ainda complementou:

Eu falo 40% porque sou otimista e porque estou vendo o empenho dos pais, porque eles não estão de braços cruzados, eles estão tentando, mas não chega a 50%. Porque é lindo ver o esforço dos pais, mas não é uma coisa linda pra me deixar tão feliz, porque os pais estão se sacrificando muito pra ter uma coisa que é o direito deles. Se a escola não tem mais o presencial, tem que ter o plano B. Todo município, todo o Estado deve ter um plano pra quando tiver uma situação dessa. Não criaram hospitais em questão de dias? Por que não fizeram isso com a Educação? Não é porque foi emergencial, porque essa emergência já está com mais de 6 meses. Então, é isso que me deixa insatisfeita. Eu não vejo indiferença da família, eles estão fazendo mais que o necessário, mas é algo que vai além, fala-se de recursos. Eu posso ser carinhosa, atenciosa, posso ser um monte de coisa, mas o acesso, eu não tenho como dar. (JOANA, 2020)

Nesse momento é possível perceber a tristeza da professora por não poder oferecer a todos os alunos e famílias os recursos necessários para algo que faz parte dos direitos básicos da Constituição: o direito à Educação, como preconizado no Art. 205 da Constituição Federal (BRASIL, 1988): “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Essa situação elucida também que o professor não pode ser tomado como o responsável total por todo o sucesso ou insucesso na educação de seus alunos. Recursos financeiros, infraestrutura, merenda escolar, assistência pedagógica e até psicológica, principalmente para um momento como esse, são mais que necessárias e a ausência ou insuficiência desses recursos acarreta em grande prejuízo para os alunos e também para os professores, que muitas vezes são cobrados pela sociedade e pelos governos como se fossem os únicos responsáveis por toda a demanda escolar e educacional de seus discentes.

## Infância, experiência escolar e acadêmica da professora regente

Desde o momento em que conhecemos a professora regente e iniciamos nossa pesquisa diagnóstica, percebemos a preocupação que esta tinha com todos os alunos, com a situação particular de cada família e também com as iniciativas que ela poderia tomar para ajudá-los. Com isto, já se fazia necessário conhecermos a sua história, mas tamanha preocupação com as crianças e suas famílias nos aguçou ainda mais a curiosidade. Em nosso segundo encontro, portanto, procuramos conhecer as histórias mais significativas de sua vida para que pudéssemos fazer um *link* com a professora que conhecíamos atualmente.

Joana vem de uma família simples, do interior do Ceará. É a 7ª filha de um total de 8 irmãos. Ela não fez a Educação Infantil, pois nessa época (em meados da década de 70), a rede pública não era responsável por esta etapa da educação. Sem condições de frequentar uma escola de ensino particular, Joana entrou na escola somente no 1º ano, com 7 anos. As experiências escolares que contou parecem ter sido muito traumáticas, ainda mais quando disse que o próprio regime escolar da época era muito segregador. Ela relatou que

[...] o regime de educação da época era aquele regime muito segregador, era aquele que dividia os alunos em fortes e fracos. Na primeira semana, tinha a enturmação, ficava todo mundo na mesma série [...] e depois de uns 15 dias que dividiam as turmas. (JOANA, 2020)

Joana narrou que, ao iniciar o seu primeiro ano escolar, todos os alunos da turma eram divididos em duas categorias: os “muito inteligentes” (que comporiam a turma A), e os “menos inteligentes”, que estariam nas demais turmas (B e C). Ela contou, ainda, que foi apontada pela inspetora da escola (agora chamada de coordenadora) como fraca, burra, e, por isso, ficou na turma B. Joana conseguiu passar de ano, mas não aprendeu a ler no 1º ano. Conseguiu ler apenas no fim do 3º ano, fato esse que só foi possível porque havia uma professora que acreditava muito nela. Ao fim do 2º ano, mesmo a escola querendo deixá-la na turma B, essa mesma professora insistiu que ela fosse para a turma A, momento a partir do qual Joana passou a se destacar nas atividades e ganhar mais confiança. Esse fato parece ser muito significativo para ela, pois, a todo momento, ressaltava a importância de o professor acreditar nos alunos e valorizar as suas conquistas. Após o 3º ano, Joana cursou as demais séries e grande parte dessas foi pelo chamado “Sistema de TV”.

Joana ressignificou tais acontecimentos e traumas e reverteu toda experiência negativa em interesse e amor pela área da alfabetização, como ela mesma disse: “Acho que deve ser por isso que sou apaixonada por alfabetização”.

Após fazer o 4º pedagógico, Joana foi chamada para trabalhar no Colégio Imaculada Conceição, escola em que lecionou por muitos anos e que também desempenhou a função de Supervisora. Joana saiu dessa escola apenas para assumir o concurso nos dois períodos na escola da prefeitura. Enquanto ainda trabalhava na escola particular, uma colega de trabalho inscreveu Joana no vestibular da Universidade Federal do Ceará (UFC). Joana cursou, assim, Pedagogia na Faculdade de Educação (FACED) – UFC, período em que casou e também teve o seu filho, inclusive, ela levava-o para as aulas noturnas. Após a graduação, fez uma especialização em Psicopedagogia e Mestrado na área de Ciências da Educação.

Joana afirmou que não devemos desistir de ninguém, por isso, tanto gosta do projeto escolar *Nenhum a Menos*. Acredita que o que mais traz consigo de aprendizagem dessa época de sua infância é que devemos valorizar as conquistas dos alunos e trabalhar para que sejam autônomos.

### **A perspectiva da família**

Um dos objetivos da pesquisa era conhecer a perspectiva das famílias para compreender como a pandemia impactou emocional e financeiramente suas vidas e também como aconteceu o processo de acompanhamento das aulas remotas. Tínhamos o desejo de ouvir várias famílias para compreender as dificuldades, mas, infelizmente, isso não foi possível, pois a maioria dos responsáveis não tinha disponibilidade e apenas uma mãe demonstrou interesse em participar.

Trata-se da senhora Célia<sup>6</sup>, que é mãe de uma das alunas da professora Joana. Conseguimos seu número de telefone e prontamente nos apresentamos e explicamos o objetivo da pesquisa. Ela, então, aceitou participar de um grupo de mensagens conosco para conversarmos melhor. Deixamos claro desde o primeiro contato que gostaríamos de entender como têm acontecido as aulas remotas e os impactos da pandemia na sua casa e que ela poderia responder somente as perguntas com as quais se sentisse confortável. Célia concordou com o que propusemos, mas salientou que não poderia participar de uma reunião conosco, já que passava o dia trabalhando, e pediu, portanto, que enviássemos as perguntas no formato de questionário, alertando que demoraria a responder, por conta da falta de tempo.

Célia é mãe da Bianca<sup>7</sup>, que é aluna da turma da professora Joana. Moram no bairro em que se localiza a escola José de Alencar, sua casa possui 6 cômodos (não especificou quais),

---

<sup>6</sup> Nome fictício.

<sup>7</sup> Nome fictício.

a renda da família é, em média, um salário mínimo. A família recebe auxílio do governo, mas não foi especificado qual. Nenhuma pessoa da casa foi infectada pela Covid-19 e Célia mostrou-se preocupada, frisando que na casa moram pessoas do grupo de risco. Ela possui Ensino Médio completo, seu esposo está cursando o 2º ano do Ensino Médio e Bianca, sua filha, cursa o 2º ano do Ensino Fundamental. Em sua residência, há um celular e um computador, mas as aulas são feitas pelo celular da mãe. Ela é contra o possível retorno das aulas presenciais em breve, pois acredita que ainda é perigoso e sua filha é do grupo de risco. Célia ainda contou que não gosta muito do ensino remoto, porque a filha sente falta da professora, mas, diante do momento vivido, acredita que a filha está aprendendo o suficiente.

### **Considerações finais**

Em face do vivenciado durante a pandemia da Covid-19 e a partir da análise dos dados da pesquisa, não há dúvidas de que estava havendo um grande esforço dos professores, coordenação, alunos e família para a continuação do ensino remoto. É notório que a professora entrevistada enfrenta, na particularidade de seu lar e de sua família, grandes dificuldades, uma vez que, infelizmente, sua mãe faleceu neste período e, passado os dias de luto, a professora teve que voltar a lecionar, sem que houvesse sido prestada a assistência familiar e psicológica adequadas em virtude de um momento tão delicado e incomum na vida de todos.

As famílias, por sua vez, demonstraram estar prestando enormes esforços para a continuação das crianças na escola. Apesar de terem que lidar com a limitação de aparelhos telefônicos, recursos tecnológicos e problemas com internet, as famílias parecem estar se esforçando muito para entregar as atividades, pelo grupo de WhatsApp, ou mesmo impressas na escola, para posterior correção da professora. Muitas famílias estão passando por dramas ainda maiores, relacionados à falta de recursos financeiros e alimentícios em suas residências, o que dificulta ou mesmo pode inviabilizar o protagonismo e permanência destas crianças na escola.

Assim, a escola e os professores, mesmo que várias vezes de forma autônoma, já se mostraram ativos em prestar assistência às famílias, até mesmo em áreas que não seriam de suas responsabilidades. A professora Joana também está fazendo grande esforço para continuar prestando seu serviço de educar e manter a ludicidade para as crianças, valorizando suas conquistas, mesmo que a realidade esteja à porta de forma tão brutal.

No entanto, acerca do governo, nossa avaliação é a de que este não tem feito tudo o que está ao seu alcance – e que é o seu dever– para melhorar as condições de prestação de serviços públicos educacionais, ficando os pais e professores limitados no fazer pedagógico.

Com tamanha dificuldade de recursos materiais e tecnológicos por parte das famílias, com a ausência de um plano efetivo para solucionar esses empecilhos, o Estado deixa de cumprir com a Constituição no que tange ao Art. 206 - I, no qual a república compromete-se a fornecer “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” (BRASIL, 1988). Tal fato gera grandes transtornos para todos, mas, principalmente, para professores e alunos. Isso também escancara como o governo se mostrou despreparado para lidar com situações emergenciais, como os recursos são mal distribuídos a ponto de a prefeitura não conseguir conceder aparelhos como *tablets* para que as crianças possam acessar aulas on-line e ter um contato maior com a professora, sendo prejudicadas, assim, no seu desenvolvimento durante esse ano letivo e sendo essas famílias obrigadas a fazer uso de recursos de terceiros, como vizinhos e outros familiares (como o caso citado), gerando constrangimento e dificultando a comunicação escola x família.

Entendemos, assim, que é mais que necessário que o governo da prefeitura de Fortaleza crie um plano emergencial (que talvez nem mereça mais levar esse nome, em virtude do tempo em que decorre tal situação de pandemia), que assista melhor essas famílias e toda a comunidade escolar. A promessa de oferecer apenas um *chip* é totalmente irrealista e insuficiente para as necessidades que essas famílias apresentam.

Ao mesmo tempo, faz-se necessário voltar o olhar para o professor, que está inserido nessa mesma sociedade desigual e está se vendo em um momento de grandes cobranças educacionais, de desenvoltura e comunicabilidade por meios digitais quando, concomitantemente, ainda passa por problemas em sua particularidade e também não está sendo assistido pelo governo da forma como merece.

Aproveitando o ensejo do mês em que finalizamos a escrita desse dossiê, ou seja, no mês de outubro, em comemoração ao dia dos professores, justo seria se a comemoração não ficasse só em palavras, mas que os governos e sociedade realmente reconhecessem o grande papel que esses educadores desempenham em um momento tão ímpar de pandemia e dificuldades financeiras.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL, Lei nº 11.738. Art. 1ª. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111738.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111738.htm). Acesso em: 25 out. 2020.

FORTALEZA. Secretaria Municipal de Educação. **SME Orienta sobre a Permanência das Atividades Domiciliares Durante a Suspensão das Atividades Presenciais**. Secretaria Municipal de Educação. Disponível em: <http://intranet.sme.fortaleza.ce.gov.br/index.php/lista-de-noticias/5780-sme-divulgadocumentos-norteadores-para-o-trabalho-domiciliar-dos-profissionais-da-educacao-eatividades-em-domicilio-dos-alunos>. Acesso em: 23 out. 2020.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE**—Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

MORÉ, Carmen Leontina. A "entrevista em profundidade" ou "semiestruturada", no contexto da saúde. **Investigação Qualitativa em Ciências Sociais**. v. 3. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/158/154>. Acesso em: 19 set. 2020.